

# A pandemia e a (im)possível clínica *online* com crianças<sup>1</sup>

Maria Laura Cury Silvestre

## Resumo

No contexto da pandemia, como sustentar a psicanálise *online* com crianças, sem a presença dos corpos no mesmo espaço físico? A autora discute três recortes da (im)possível clínica *online*. No primeiro, poder seguir *online*, mesmo sem privacidade, permitiu acompanhar o manejo da criança, pela tela, do espaço físico de sua casa, em um deslocamento que lhe permitiu ocupar outros lugares. No segundo, a passagem ao *online* fez a criança silenciar e retirar sua imagem da tela. Foi fundamental suportar, na transferência, que a criança se retirasse da tela. No terceiro, a entrada em análise aconteceu na modalidade *online*, e o enquadre da tela pareceu favorecer o aparecimento de algo novo: a tela como palco. O manejo dos dispositivos móveis estabeleceu ainda uma comunicação direta dessas crianças com a analista e trouxe um surpreendente efeito de autonomia. Por fim, conclui-se que o *setting* é a transferência, e a psicanálise *online* é a psicanálise.

## Palavras-chave:

Pandemia; Clínica *online*; Psicanálise com crianças.

## The pandemic and the (im)possible *online* practice with children

### Abstract

In the pandemic context, how to sustain the online psychoanalysis with children, without the presence of the bodies in the same physical space? The author discusses three clippings of this (im)possible practice. In the first case, being able to go forward online, despite not having privacy, allowed the analyst to follow the child's management, via mobile screen, from the physical space of her house, in a displacement that allowed her to occupy other places. In the second clipping, with the transition to the online modality, the child became silent, and removed her image from the screen. This was fundamental: sustaining, in transference,

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no IV Simpósio Interamericano da Internacional dos Fóruns da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Laciano (IF-EPFCL), em 20 de novembro de 2021, com algumas alterações realizadas em fevereiro de 2023.

the child's removal from the screen. In the third clipping, the analysis began already in the online modality, and the framing of the screen seemed to favor the appearance of something new: the screen as a stage. The use of mobile devices also established a direct communication of the children with the analyst, and brought, in these cases, a surprising effect of autonomy. Finally, the conclusion is that the setting is the transference and online psychoanalysis is psychoanalysis.

### **Keywords:**

Pandemic; Online practice; Psychoanalysis with children.

## **La pandemia y la (im)posible práctica *on-line* con niños**

### **Resumen**

En el contexto de la pandemia, ¿cómo sostener el psicoanálisis on-line con los niños, sin la presencia de los cuerpos en el mismo espacio físico? El autor analiza tres casos de esta práctica (im)posible. En el primer caso, poder seguir on-line, a pesar de no tener privacidad, permitió al analista acompañar la gestión, por parte de la niña, del espacio físico de la casa en un desplazamiento que le permitía ocupar otros lugares. En el segundo caso, la transición a la modalidad on-line hizo que la niña se callara y retirara su imagen de la pantalla. Esto fue fundamental: soportar, en la transferencia, que la niña se retirara de la pantalla. En el tercer caso, la entrada en análisis se produjo ya en la modalidad on-line, y el encuadre de la pantalla pareció favorecer la aparición de algo nuevo: la pantalla como escenario. El uso de dispositivos móviles también estableció una comunicación directa de los niños con el analista, y aportó, en estos casos, un sorprendente efecto de autonomía. Finalmente se puede concluir que el *setting* es la transferencia y por lo tanto el psicoanálisis online es el psicoanálisis.

### **Palabras clave:**

Pandemia; Práctica on-line; Psicoanálisis con niños.

## **La pandémie et l'(im)possible clinique *en ligne* avec des enfants**

### **Résumé**

Dans le contexte de la pandémie, comment soutenir une psychanalyse en ligne avec des enfants, sans la présence de leurs corps dans le même espace physique ? L'auteur discute trois extraits de l'(im)possible clinique en ligne. Dans le premier, être capable de se maintenir en ligne, même face à l'absence de confidentialité,

permettait à l'analyste de suivre la gestion de l'enfant, via l'écran, de l'espace physique de sa résidence, dans un déplacement qui lui permettait d'occuper d'autres places. Dans le second extrait, avec la transition vers la clinique en ligne, l'enfant s'est tu et a retiré son image de l'écran. Ceci a été fondamental : soutenir, dans la transference, que l'enfant se retire de l'écran. Dans le troisième extrait, l'entrée en analyse a eu lieu dans la modalité en ligne, et le cadrage de l'écran a semblé de favoriser l'apparition de quelque chose de nouveau : l'écran comme scène. La manipulation de dispositifs mobiles a également établi une communication directe de ces enfants et l'analyste, et a apporté un effet d'autonomie surprenant. Finalement, on conclut que le scénario est le transfert et la psychanalyse en ligne est la psychanalyse.

### Mots-clés :

Pandémie ; Clinique en ligne ; Psychanalyse avec des enfants.

O discurso do analista não surgiu por acaso. Era preciso que estivéssemos no último estágio de extrema urgência para que isso surgisse. (Lacan, 1971-1972, aula de 3/2/1972)

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elevou o estado da contaminação pelo coronavírus (Sars-Cov-2) à classificação de pandemia, em função de sua rápida disseminação geográfica, o que nos obrigou, a todos, que entrássemos em confinamento radical e súbito. E foi assim que nós, os psicanalistas, fomos desapoltronados, mas um desapoltronamento muito particular, em que, paradoxalmente, restou-nos apenas nossa própria poltrona, e uma tela. Certamente, não há como imaginar o que teria sido de nossa prática sem contar com a tecnologia, que nos permitiu levar nossa presença literalmente a qualquer lugar do mundo. Mas não apenas a presença de nossos corpos virtuais emoldurados pelas telas de celulares e computadores. A tecnologia nos permitiu verificar, mais do que tudo, que a transferência analítica é teletransportável e que a presença do analista não pode ser dissociada do próprio conceito de inconsciente, como Lacan (1964/1998) nos ensina.

Sabemos todos, entretanto, que as sessões remotas não foram inventadas ali. Elas são praticadas há tempos, por muitos de nós, mas há uma mudança em seu caráter: passamos da exceção ao necessário. Era preciso, portanto, viabilizar esse necessário. Mas quem, entre nós, já havia atendido uma criança *online*? Crianças viram nossa poltrona de cabeça para baixo, dispensam introduções e relatos e vão direto ao ponto: escancaram a fantasia, com bonecos e desenhos, ou latindo embaixo do divã, e o analista que se vire para entrar na história. Como poderíamos

sustentar essa prática, que convoca o analista tão diretamente com seu corpo, sem a presença dos corpos no mesmo espaço físico?

Após um ano e meio de sessões *online* com algumas poucas crianças, não posso dizer que essa é uma prática que seja possível em todos os casos. Nem tampouco que é uma prática confortável. A mim, custou-me pelo menos o dobro do esforço dos atendimentos presenciais atmosféricos. Penso, portanto, que a prática das sessões *online* nos empurra a sustentar com força redobrada a aposta nos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trago aqui, então, algumas reflexões a partir de recortes do (im)possível atendimento *online* com crianças.

Em uma de suas primeiras sessões *online*, I., uma criança que estava com 8 anos de idade, propõe uma brincadeira, para desespero da analista: como poderíamos brincar *online*, se suas brincadeiras analíticas sempre costumavam colocar cada móvel da sala de cabeça pra baixo? Pois é a própria criança que resolve a questão: — Você está me vendo bem? Consegue ver toda a minha sala? Eu vou espalhar essas bolinhas aqui no chão, aí eu fecho os olhos, você guia minha mão e tento pegar as bolinhas! Você fica olhando, e me diz se a bolinha está mais pra cá ou mais pra lá, até eu conseguir pegar cada uma e guardar no saquinho!

A partir dessa particular demanda endereçada ao sujeito suposto saber, “eu fecho os olhos e você me guia”, a analista, por falta de ideia melhor, entra, assim, na brincadeira, e o que se verifica não é muito original, mas ali foi certamente surpreendente: direita, esquerda, à frente e atrás não são direções compartilháveis, e a tela evidencia esse desencontro, transformando quase tudo em seu contrário, gerando uma cena cômica, em que, quanto mais a analista tenta fazer a analisante chegar próximo à bolinha, mais ela se afasta. Entre erros e acertos, terminamos com todas as bolinhas dentro da sacola, e a analisante, é claro, com os olhos abertos!

Com relação a I., enfrentei ainda o desafio das portas abertas. Ela fez grande parte de suas sessões *online* localizada em uma espécie de *hall* que fazia a ligação de todos os cômodos da casa. Sua posição era precisamente o centro, e não havia fronteira possível: todas as portas ficavam sempre abertas. Lembro aqui que se trata de um caso que atendo desde antes da pandemia. Transferência assegurada com os pais, especialmente com a mãe, que cuidava para que a filha estivesse em um local isolado quando atendia minha chamada. Mas era em vão: a menina saía desse local e se deslocava para o centro da casa, todas as vezes. Não foi exatamente fácil lidar com o constrangimento de ter todas as sessões a portas abertas, com os pais ouvindo tudo, e inclusive muitas vezes respondendo diretamente para mim, de longe, deixando bem evidente que estavam de fato ouvindo.

Mais difíceis ainda eram as sessões em que ela punha em cena sua recusa, encenando a desobediência, significantes fundamentais na gramática desse caso. Vale dizer que, com o confinamento, I. passa a ficar o tempo todo sob os olhos da mãe.

Ela atendia à minha chamada porque a mãe a obrigava, e ali ficava por um tempo com o dedo tampando a câmera, ou se mantinha quase inteiramente debaixo do cobertor, deixando apenas a mão ou o pé, ou um dedinho, para fora. Em alguns momentos, era possível ver seu olhar escapando pelo canto, em uma provável tentativa de verificar se seu pedaço qualquer do corpo estava em meu campo de visão, na tela. E também se eu ainda estava ali. E eu estava.

Em algumas dessas sessões, a recusa se tornou impossível de manejar. Para contextualizar esse ponto, conto-lhes que sua entrada em análise, bem anterior à pandemia, deu-se a partir do manejo, na transferência, dessa recusa, que era a única posição possível ao sujeito, inicialmente quase que inteiramente aprisionado, como objeto, na fantasia da mãe. No início das sessões presenciais, essa criança ia arrastada para o consultório e se recusava a entrar em minha sala, fazendo sonoros escândalos na sala de espera. Com a pandemia e as sessões *online*, essa posição retornou com força, e manejar isso exigiu da analista que inventasse uma estratégia diferente a cada vez. Mas penso que a saída definitiva desse impasse ocorreu pela insistência do desejo decidido de manter a presença. Presença do analista, que Lacan adverte que deve ser incluída no conceito de inconsciente, em que ele também enlaça a transferência: “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente” (Lacan, 1964/1998, p. 139).

Como efeito dessa insistência, a análise seguiu *online*, e dentro de algumas semanas (talvez meses...) a criança passou a se deslocar pela casa e a experimentar outros espaços que não o centro. I. me faz ver e ouvir, a partir de seu manejo da tela, nas sessões, que se quiser portas fechadas ela mesma terá que fechá-las e sustentar isso, pois tanto o pai quanto a mãe têm dificuldade para sustentar limites. Com o passar desse tempo de análise *online*, aquilo que ela diz nas sessões, em termos de conteúdo, e que os pais eventualmente escutam, dado que ela segue circulando pela casa, já não faz mais diferença. Porque a análise acontece nesse deslocamento, e nos espaços que se abrem entre os ditos, e que os pais já não podem ouvir, pois não são necessariamente palavras ditas. O comportamento agitadoíssimo da criança do início do confinamento assenta um pouco, ela consegue retomar as aulas *online*, os pais se tranquilizam, e ela pode seguir com sua análise em paz.

Já no caso de A., as coisas se deram de forma diferente. Um pouco mais velha que I., A. também reage muito mal ao confinamento, e assim como I. passa a ficar o dia todo, todos os dias, sob o olhar dedicado e insuportável da mãe. Para A., porém, foi quase sempre impossível desobedecer a quem quer que fosse, e era isso que a tornava tão raivosa e agressiva. Em suas sessões presenciais, A. constituiu um lugar em que podia estar a salvo da mãe e falar de outra coisa, ao contrário do tratamento psicoterapêutico anterior, em que a mãe estava quase sempre presente em suas sessões e no qual o assunto era basicamente a atitude constantemente

agressiva da menina para com a mãe. A terapeuta anterior “trabalhava” sua agressividade e tentava instalar ali uma espécie de cartilha de bom comportamento. Demanda da mãe, evidentemente.

Quando recebi A. pela primeira vez, ainda presencialmente, ela se surpreendeu pelo fato de entrar sozinha na sala e de poder falar sobre o que quisesse. E assim estávamos, havia pouco mais de um ano, quando foi preciso passar ao *online*. A partir disso, A. silenciou. Ela atendia às minhas chamadas, mas mantinha a câmera virada para o teto, e simplesmente não falava. Não eram sessões de completo silêncio, pois eu dizia coisas. Coisas quaisquer, que apenas indicavam que a analista permanecia ali. Um dia, por causa de uma falha da internet que fez minha imagem desaparecer para ela, descobri que ela me olhava. Mais precisamente, ela me olhava a olhar para o espaço de onde ela se retirava, e isso foi fundamental para o giro que se produziu, a partir do momento em que o olhar da analista desapareceu de sua tela, fazendo surgir, afinal, a dimensão escópica, que perturba e desestabiliza a montagem do sujeito, surpreendendo-o, tal qual Lacan (1964/1998) indica em seu *Seminário 11*.

Já desde antes da pandemia, eu havia decidido a ouvir a mãe de A., paralelamente ao trabalho com A. Segui com isso *online* também, dado que era necessário construir e sustentar uma possibilidade de separação entre uma e outra. Ali onde as demandas poderiam se interpenetrar, o analista faz fronteira, demarcação: suportar a demanda da mãe sem responder a isso, e suportar que A. se retirasse da tela, sem com isso pensar que ela não estava ali. Após a sessão do desaparecimento do olhar da analista, em que finalmente algo do desejo enigmático do Outro pôde ser vislumbrado, A. (re)começou a falar em nome próprio e começou a trazer sua imagem de volta, na tela. Um pedaço da testa com acne, um cabelo escovado, um olho pintado com rímel. Questões do feminino, duramente rechaçadas pela mãe, a quem ela parece ter descoberto que é possível, eventualmente, desobedecer.

O terceiro recorte trata da análise de H., uma menina que em março de 2020 tinha também 8 anos de idade, como I.. Porém, eu a havia recebido pela primeira vez menos de seis meses antes da pandemia. Posso dizer, nesse caso, que os sonhos que me permitiram inferir sua entrada em análise aconteceram já na modalidade *online*. Tomei esses sonhos, em que a divisão do sujeito apareceu claramente, como resposta transferencial à intervenção que a analista fez ainda presencialmente.

A partir de um desenho feito ainda na modalidade presencial atmosférica, em que a criança desenha a luta de vida ou morte entre uma sereia boa e uma sereia má, a analista interpreta pelo equívoco: “serei a boa ou serei a má?” Logo após essa intervenção, H. tem uma série de sonhos com uma linda boneca que vira um monstro dentro do quarto enquanto ela dorme. Em um desses sonhos, aparece também um “palco”, que ia atrás dela aonde quer que ela fosse, cena após cena.

Nas entrevistas iniciais, H. desdobra uma série de declinações do significante “chata”, que vai se deslocando na transferência, em um necessário “fazer-se chata para o Outro”. Em um segundo momento, a partir dos sonhos e já *online*, surge o canto, entre a sereia boa e a sereia má: voz de sereia (en)cantadora, que em ato usa a tela como palco de uma cena nova. A menina não é chata quando (en)canta!

Inicialmente, o impacto da imposição do *online* pareceu ser bem maior para a analista, que temeu justamente ter a entrada em análise atropelada pela suspensão das sessões presenciais. Mas, para H., que não teve nenhuma dificuldade em fechar portas e estabelecer seu espaço privado — ao contrário de I. e de A. —, o enquadre literal da tela do celular pareceu favorecer o aparecimento de algo novo. O “palco” toma, nesse segundo momento, o espaço da cena analítica: H. maneja a tela, de modo a torná-la palco para sua nova cena, quando começa a cantar nas sessões, descolando-se, assim, do binarismo boa/má atrelado ao significante “chata” das entrevistas iniciais, no qual estava imobilizada.

Não pretendo fazer aqui nenhuma apologia às sessões *online*, mas penso que todo esse inferno pandêmico exigiu de todos nós retornar à pergunta: o que fazemos quando conduzimos análises? Este escrito passa pelas análises das crianças porque, de saída, foram elas meu impossível absoluto. Os impasses da clínica *online* com as crianças me puseram a interrogar essa prática e, com isso, retornar às bases da própria clínica psicanalítica. De todo modo, em março de 2020, o que me permitiu apostar e seguir *online* foi muito mais da ordem de uma decisão ética: não recuar e ir adiante, sem nenhum saber tomado como *a priori*. A psicanálise é investigação, como dizia Freud, e também risco.

Ressalto ainda que abrir mão da tentativa de garantir um espaço para que as crianças que eu atendia realizassem suas sessões, em suas casas, em condições mínimas de privacidade, não foi exatamente um cálculo. A situação em que eu me encontrava era de escolha radical: ou eu abria mão, ou não teria como seguir. Escolhi seguir, e foi somente *a posteriori* que pude recolher, como efeito, essa autonomia, por parte das analisantes com relação ao manejo da tela e à sustentação de suas sessões, que muitas vezes ocorreram mesmo quando os pais as tinham esquecido. O WhatsApp e as mensagens de texto permitiram que essas analisantes inclusive se responsabilizassem por seus eventuais atrasos e trocas de horário, que já não tinham mais a necessidade de passar pelos pais. O manejo dos dispositivos móveis estabeleceu uma comunicação direta dessas crianças com a analista, coisa que eu, pessoalmente, em mais de 20 anos de clínica com crianças, nunca havia experimentado! Não é um efeito surpreendente de se recolher, afinal?

Foi, então, necessário voltar aos quatro conceitos fundamentais propostos por Lacan no *Seminário 11* — inconsciente, repetição, transferência, pulsão — para me localizar nessa prática *online* que, embora fosse nova para mim, não propõe,

afinal, um novo *setting*. Nesse tempo, pude verificar que os atendimentos *online* não são não presenciais, e que nosso *setting* não é o espaço físico compartilhado pelos corpos físicos. Nosso *setting* é a transferência, atualização da realidade do inconsciente. E, portanto, concluo: a psicanálise *online* é a psicanálise.

## Referências bibliográficas

Lacan, J. (1971-1972). *O saber do psicanalista*. Inédito.

Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)

**Recebido:** 25/02/2021

**Aprovado:** 28/02/2021